

JORNAL-LABORATÓRIO ARROCHA: OLHAR HUMANIZADO E CONTEXTUALIZAÇÃO

Alexandre Zarate Maciel (alexandre.maciel@ufma.br)¹

RESUMO

O jornal-laboratório Arrocha, produzido de forma interdisciplinar e curricular no curso de Jornalismo da Universidade Federal do Maranhão (UFMA) desde 2010, completou 10 anos de existência e 40 edições publicadas em 2020, configurando-se uma experiência acadêmica voltada para a humanização do relato jornalístico e contextualização de temáticas caras ao município de Imperatriz, o segundo maior do estado. Além de detalhar as formas de produção, atentas aos princípios das Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Jornalismo (DCN's), este relato de experiência reflete, a partir de autores que discutem a humanização (MEDINA, IJUIM) e a contextualização (SODRÉ), sobre quais são as vantagens pedagógicas de se produzir um jornal-laboratório com edições temáticas semestrais para a formação plural dos futuros repórteres.

PALAVRAS-CHAVE

Jornal-laboratório. Humanização. Contextualização. Pluralidade. Olhar regional.

INTRODUÇÃO

O jornal-laboratório Arrocha foi criado e teve a sua primeira edição concebida ao longo do primeiro semestre de 2010, envolvendo as disciplinas laboratoriais de Jornalismo Impresso, Fotojornalismo e Planejamento Gráfico. Elaborado pelos acadêmicos do curso de jornalismo da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), campus de Imperatriz, a publicação chegou à sua 40^a edição em 2019 e comemora, agora, em 2020, 10 anos de produção ininterrupta, com o número 41, um especial sobre a Covid-19.

Ao longo dos anos mantiveram-se os princípios básicos que nortearam o projeto inicial do jornal-laboratório. Cada edição trata de um tema específico, desdobrado em várias reportagens contextualizadoras. O trabalho é interdisciplinar, em equipe, orientado pelos professores, mas totalmente concebido e desenvolvido pelos estudantes. Há sempre a preocupação, nas

¹ Doutor em Comunicação pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Professor adjunto do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), campus de Imperatriz. Coordenador do grupo de pesquisa de Jornalismo de Fôlego, vinculado ao CNPq. E-mail: alexandre.maciel@ufma.br.



pautas, em manter o olhar voltado para as problemáticas da cidade, não cobrindo, portanto, as questões internas da universidade. Também recomenda-se como norte constante a pluralidade das fontes ouvidas, com privilégio para os protagonistas do cotidiano, as pessoas comuns, sem deixar de lado o equilíbrio das vozes oficiais e especializadas.

Neste relato de experiência, a intenção é promover uma reflexão a respeito de como o projeto do jornal-laboratório Arrocha atende vários requisitos dos eixos de competências (conhecimentos, habilidades, atitudes e valores) e de formação profissional, aplicação profissional e prática laboratorial previstos nas Diretrizes Curriculares para o Curso de Jornalismo (BRASIL, 2013). A partir do relato das suas formas de elaboração, também é possível apontar relações com o pensamento de autores que estimulam o olhar mais humanizado no jornalismo (IJUIM, MEDINA) e uma cobertura preocupada com a contextualização dos fatos e problemáticas (SODRÉ), que sempre serviram de esteio teórico para as práticas do jornal Arrocha.

HUMANIZAÇÃO DESDE A PAUTA

Já na sua primeira edição, que teve como tema o especial “Águas” e foi impressa em junho de 2010, o editorial da página 2, ao explicar para os leitores o motivo do nome da publicação, deixava firmado o compromisso com o público: “Arrocha é uma expressão típica da região tocantina (...). Significa algo próximo ao popular desembucha. Mas lembra também ‘a rocha’, algo inabalável como o propósito ético desta publicação”.

Lopes (2006, p. 50) lembra que fazer jornal-laboratório não é um mero exercício escolar, nem apenas treinamento, “mas uma forma de começar a transformar o estudante num profissional crítico, disposto a transformar e ajudar a melhorar um pouco a sociedade em que vive”. E acrescenta que o acadêmico de jornalismo deve ser incentivado a escrever matérias de interesse do leitor e não de uma instituição em si, “produzindo um veículo que ajude o receptor a se posicionar criticamente diante do mundo”.



Atento a essas recomendações, em suas 40 edições publicadas até agora o jornal Arrocha procurou narrar as questões do município de Imperatriz em edições temáticas, que propõem aos leitores desdobramentos múltiplos, plurais e contextualizados de um mesmo assunto. O exercício acaba sendo muito útil para os acadêmicos envolvidos, já que ajuda a refletir com profundidade sobre o cotidiano da segunda maior cidade do Maranhão, com 259.337 mil habitantes (IBGE, 2020), banhada pelo rio Tocantins, às margens da Rodovia Belém-Brasília, sendo a sede, com o seu pujante comércio, da chamada região tocantina, que abrange municípios do Maranhão, Pará e Tocantins.

Como não precisa estar atrelado a uma produção factual, como o único e principal jornal diário da região, “O Progresso”, de 50 anos de idade, mas muito dependente da reprodução de releases oficiais, o jornal Arrocha caracteriza-se, também, pela marca da contextualização e da humanização. Ao tratar sobre o fazer jornalístico, Medina (2006, p. 93) argumenta que “para que o cotidiano se presentifique, é preciso romper com as rotinas industriais da produção da notícia, superar a superficialidade das situações sociais e o predomínio dos protagonistas oficiais”. Assim, a partir de um fazer pedagógico, interdisciplinar e paciente que demora um semestre para ser publicizado, cada edição do jornal Arrocha nasce com a pretensão de oferecer um conteúdo mais perene, que pode ser lido mesmo anos depois, no mínimo como um relato de determinado momento histórico da cidade.

A opção pedagógica por uma linha editorial marcada pela humanização, com a abertura do coral de vozes abarcando as pessoas comuns que protagonizam o cotidiano da cidade, também é uma marca registrada da publicação, sendo refletida desde a pauta. Como define Ijuim (2013, p. 42), “esse exercício ético, ou seja, o debate e a reflexão contínua sobre o desejável para si e para os outros, pode refletir na elevação do nível de consciência – a visão de mundo que orienta as ações dos indivíduos, seus propósitos e intenções”. Comungando com o espírito da reportagem, entretanto, os repórteres são chamados a sempre apresentarem um mosaico que contempla,



ainda, as vozes especializadas, oficiais e números e dados contextualizadores. Tratam-se de princípios caros na procura das fontes que comporão cada edição as seguintes recomendações da DCN (BRASIL, 2013, p. 4): “Adotar critérios de rigor e independência na seleção das fontes e no relacionamento profissional com elas, tendo em vista o princípio da pluralidade, o favorecimento do debate, o aprofundamento da investigação e a garantia social da veracidade”.

OLHAR REGIONAL CONTEXTUALIZADO

A pauta de cada edição nasce na disciplina de Jornalismo Impresso, com total liberdade para a proposição dos cerca de 30 a 40 alunos regularmente matriculados a cada semestre. O tema central é pensado em uma primeira reunião, sempre debatendo com os estudantes quais já foram abordados anteriormente e de que forma foram desdobrados ao longo das páginas. Para um direcionamento mais pedagógico, costuma-se separar a turma em dois grandes grupos de 15 a 20 repórteres, visando a produção de dois jornais diferentes, sendo que cada qual fica responsável pela concepção editorial de uma página inteira. Há, desta forma, aproximações com a DCN (BRASIL, 2013, p. 4) no sentido do estímulo à competência pragmática de “contextualizar, interpretar e explicar informações relevantes da atualidade, agregando-lhes elementos de elucidação necessários à compreensão da realidade”.

Em todas as etapas do Jornal Arrocha está presente o norte do que recomendam as DCN’s para o curso de Jornalismo. Ao serem convocados a pensarem o desdobramento múltiplo de um mesmo tema, exercita-se a competência de “identificar e reconhecer a relevância e o interesse público entre os temas da atualidade (BRASIL, 2013, p. 3), com força para o olhar regional e recomendações expressas de busca de vozes de pessoas comuns, em geral negligenciadas na cobertura dos jornais de referência.

Para se ter uma ideia da diversidade de assuntos que já foram abordados pelo jornal, o que comprova a sua vocação para analisar de forma



JORNALISMO



contextualizada cada temática, em geral bem ampla, convém elencar quais foram os temas de cada edição: 1- Águas; 2- Questões urbanas; 3-Música; 4- Religiões; 5-Vícios e hábitos; 6- Personagens do cotidiano; 7-Sexualidade; 8- Raízes culturais; 9- Esportes; 10- Mídia; 11- Educação; 12- Mercado Público (Mercadinho); 13- Idosos; 14- Infância e adolescência; 15- Trabalhadores noturnos; 16- Calçada comercial; 17-Transportes; 18-Mulheres; 19- Vida de artista; 20- Universidades; 21- Bairros; 22-Política; 23- Pessoas com deficiência; 24-Saúde pública; 25- Maternidade; 26- Culinária; 27- Meio-ambiente; 28- Patrimônios; 29- Artes; 30- Rio Tocantins; 31- Tecnologia; 32-Região tocantina; 33-O melhor e o pior de Imperatriz; 34- Emprego e desemprego; 35- Excluídos; 36- Imperatriz ontem e hoje; 37-Ruas de Imperatriz; 38-Movimentos sociais; 39- Cidades que foram Imperatriz e 40- Imperatriz que eu quero.

Na ótica de Sodré (2009, p. 70), o exercício jornalístico de uma “tradução intercultural da experiência humana” pode ser mobilizado com mais sucesso como um recurso estilístico “sempre que a produção do texto jornalístico abdica da urgência da publicação ou da utilidade imediata do conhecimento do fato em favor da elaboração mais lenta e reflexiva do relato”. E, mais, quando o repórter pode abdicar da “noção quantitativista de informação pública (quanto mais dados e detalhes, maior o conhecimento) em favor daquela dimensão *sensível*, que possibilita ao leitor uma compreensão do acontecimento mais *perceptiva* do que intelectual” (SODRÉ, 2009, p. 70).

Tendo por base esta perspectiva do fazer jornalístico, mesmo que em forma de exercício pedagógico aberto a erros e acertos, os estudantes de Jornalismo Impresso, a partir da definição do tema central, passam a propor as subtemáticas de cada página e também os seus desdobramentos internos. A intenção é que cada repórter tenha a concepção editorial de sua própria página, na qual cabem cerca de 6,5 mil caracteres de texto que podem ser divididos, em geral, em três, duas ou uma matéria mais alongada apenas.

Os estudantes de Jornalismo Impresso costumam ser os mesmos da disciplina Fotojornalismo, o que facilita o debate interdisciplinar desde a pauta



JORNALISMO





a respeito de como serão produzidas as fotografias daquela determinada edição. Cada estudante, portanto, fica responsável pelos textos e fotografias que comporão a sua própria página. Definidos os desdobramentos do tema central em subtemas, além dos ganchos que comporão cada página, ou chamados desdobramentos, os repórteres-fotógrafos partem a campo com o prazo de um mês para apurar, checar e produzir o seu material.

Já a disciplina de Planejamento Gráfico, na qual estão matriculados os acadêmicos do semestre anterior, entra no processo também desde o início, compondo-se duplas de diagramadores e repórteres-fotógrafos. Assim, em paralelo ao trabalho de apuração, as ideias de desenho para cada página já vão sendo concebidas, sempre com muito diálogo e supervisão dos professores das três disciplinas envolvidas na produção do Arrocha.

PROCESSO COLETIVO ATÉ A PUBLICAÇÃO

Findo o prazo de apuração, ocorre a semana de edição de textos e fotos. O professor de Jornalismo Impresso costuma corrigir os textos de forma aberta, em aulas ricas de aprendizado, já que todos podem acompanhar as correções coletivas. Este processo evita que se repitam informações ou mesmo fontes entre as páginas do jornal enquanto, em paralelo, o professor de Fotojornalismo vai escolhendo editorialmente com os estudantes quais serão as melhores fotos para ilustrar as matérias de cada página. Assim, todos os estudantes ficam cientes da forma como o tema central foi desdobrado em várias abordagens e podem pensar, em conjunto, afinal, qual será a ordem mais interessante dos subtemas por página, compondo o mapa final do jornal.

Depois de elaborarem sugestões de títulos, legendas e fios, pensarem a ordem das páginas e montarem um roteiro de montagem, o pacote completo segue para os estudantes de Planejamento Gráfico, responsáveis pela diagramação do jornal dentro de um padrão estabelecido por um manual com algumas regras básicas. O atual modelo do Arrocha dispõe de seu formato no tamanho 33x47 cm, utilizando margens com espaçamento de 1 cm e fontes



distintas, tais como Whitney (Book, Bold, Italic, Bold italic), Whitney Condensed (Book, Bold) e Zingha, organizando as matérias em grids de 5 colunas, entre outros detalhes para garantir uma harmonia visual.

Toda a diagramação é feita no InDesign e o jornal segue, então, para um minucioso processo final de correção coletiva no qual todos podem checar a versão final da própria página e também as dos colegas, em busca da minimização de possíveis erros. Nessa etapa entra em cena um professor da área de língua portuguesa, em geral da disciplina de Laboratório de Produção Textual, para a leitura final de todas as páginas e correções de ortografia e coerência textual. Uma vez liberado o arquivo final do jornal, que costuma ter 18 páginas, transforma-se em PDF e publica-se, com link da plataforma Issuu, mais uma edição no site laboratorial do curso de Jornalismo, o Imperatriz Notícias. Todas as edições do Arrocha podem ser conferidas neste link: <https://imperatriznoticias.ufma.br/category/jornal-arrocha/>.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. **Resolução no 1 de 27 de setembro de 2013. Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de graduação em Jornalismo, bacharelado, e dá outras providências.** http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=19121&Itemid=1
Acesso em: 15 out. 2020.

IJUM, Jorge Kanehide. **Jornal escolar e vivências humanas: Um roteiro de viagem.** Livros LabCom, 2013.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Estimativas da população brasileira.** Rio de Janeiro: 2020.

JORNAL ARROCHA. **Imperatriz Notícias.** In: <https://imperatriznoticias.ufma.br/category/jornal-arrocha/> Acesso em: 15 de out. 2020.

LOPES, Dirceu Fernandes. **Muito além do treinamento.** Primeira Impressão, novembro 2006, p.2, ed.88.

MEDINA, Cremilda. **O signo da relação: comunicação e pedagogia dos afetos.** São Paulo: Paulus, 2006.

SODRÉ, Muniz, **A narração do fato: notas para uma teoria do acontecimento.** Petrópolis: Vozes, 2009.